



# A Santa Sé

---

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

*Além dos formalismos*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 15 de 03 de Abril de 2014*

«Se quiseres conhecer a ternura de um pai dirige-te a Deus: experimenta e depois conta-me!». Foi o conselho espiritual que o Papa Francisco sugeriu na missa celebrada a **28 de Março**. Por muitos pecados que possamos ter cometido, afirmou o Pontífice, Deus espera-nos sempre e está pronto a acolher-nos e a festejar connosco e por nós. Porque é um Pai que nunca se cansa de perdoar e não se importa se no final o «balanço» é negativo: Deus sabe amar sem medidas.

Esta atitude, explicou o Papa, está bem descrita na primeira leitura da liturgia, tirada do livro do profeta Oseias (14, 2-10). «Só com esta palavra podemos passar tantas horas em oração» afirmou o Pontífice, fazendo notar como «Deus nunca se cansa», nunca: vemos isto em «tantos séculos» e «com tantas apostasias do povo». Todavia, «ele volta sempre, porque o nosso Deus é um Deus que espera». E assim também «Adão saiu do paraíso com uma pena e também com uma promessa. E o Senhor é fiel à sua promessa porque não pode renegar-se a si mesmo: é fiel!». E, a propósito, o Papa convidou a contemplar «aquele lindo ícone do pai e do filho pródigo».

«Do ponto de vista de uma empresa o balanço é negativo, não há dúvida! Ele perde sempre, perde no balanço das coisas. Mas vence no amor porque Ele — podemos dizê-lo — é o primeiro que cumpre o mandamento do amor: ele ama, só sabe amar!», como recorda o trecho evangélico da liturgia do dia (Marcos 12, 28-34).

É um Deus que nos diz, como se lê no livro de Oseias: «Eu curar-te-ei porque a minha ira se afastou de ti!». Assim fala Deus: «Eu chamo-te para te curar!».

O Deus que espera e perdoa é também «o Deus que festeja». Mas não organizando um banquete, como «o do homem rico que tinha à porta o pobre Lázaro. Não, esta festa não lhe agrada!», afirmou o Santo Padre. Ao contrário, Deus prepara «outro banquete, como o pai do filho pródigo». No texto de Oseias, explicou, Deus diz-nos que «também tu florescerás como o lírio». É a sua promessa: far-te-á festa. A ponto que «os teus rebentos se espalharão, e terás a beleza da oliveira e ao perfume do Líbano».

O Papa Francisco concluiu a sua meditação reafirmando que «a vida de cada pessoa, de cada homem e mulher que tem a coragem de se aproximar do Senhor, encontrará a alegria da festa de Deus». Eis então os votos finais: «Que esta palavra nos ajude a pensar no nosso Pai, o Pai que nos espera sempre, que nos perdoa sempre e que festeja quando nós voltamos!».

Nem «cristãos errantes como turistas existenciais» nem «cristãos parados», mas testemunhas de uma «fé que caminha» seguindo as promessas de Deus. Foi a identidade cristã traçada pelo Papa Francisco na missa do dia **31 de Março**.

O Pontífice falou do valor que tem, na vida de um cristão, a confiança em Jesus «que nunca desilude». Para ajudar a compreender melhor o valor da confiança, o Papa fez referência ao episódio narrado pelo Evangelho de João (4, 43-54) acabado de proclamar, no qual se narra do funcionário do rei que, tendo sabido da chegada de Jesus a Caná, vai ao seu encontro para lhe pedir que salve o filho doente e em fim de vida em Cafarnaum. Foi suficiente, recordou o Pontífice, que Jesus dissesse: «Vai, o teu filho vive» para que aquele homem acreditasse na sua palavra e se pusesse a caminho: «esta é a nossa vida: crer e pôr-se a caminho». Como fez Abraão, que teve «confiança no Senhor e caminhou também nos momentos difíceis», quando por exemplo a sua fé «foi posta à prova» com o pedido do sacrifício do filho. Também naquele caso ele «caminhou. Confiou no Senhor — frisou o Pontífice — e foi em frente. A vida cristã é assim: caminhar rumo às promessas». Por isso «a vida cristã é esperança».

«Temos tantos cristãos parados. Têm uma esperança débil. Sim, acreditam que existe o céu mas não o procuram. Seguem — observou o Pontífice — os mandamentos, cumprem os preceitos, tudo; mas estão parados. E o Senhor não pode extrair deles o fermento para fazer crescer o seu povo. Este é um problema: os parados».

«Depois — acrescentou — há outros, os que erram o caminho. Todos nós algumas vezes erramos o caminho». Mas o problema, explicou, é voltarmos quando nos apercebemos que erramos. E há depois «outro grupo que é mais perigoso — disse — porque se engana a si mesmo». São «os que caminham mas não percorrem a estrada: rodam, rodam como se a vida fosse um turismo existencial, sem meta, sem levar a sério as promessas. Aqueles que rodam e que se enganam porque dizem: «Eu caminho...». Não; tu não caminhas, tu rodas! Ao contrário, o Senhor pede-nos que não paremos, que não erremos caminho e que não rodemos pela vida. Pede que olhemos para as promessas, que vamos em frente com as promessas», como o

homem do evangelho de João, o qual «acreditou nas promessas de Jesus e se pôs a caminho». E a fé põe-se a caminho.

A quaresma, disse em conclusão, é um tempo propício para pensar se estamos a caminho ou se estamos «demasiado parados» e então devemos converter-nos; ou se «erramos caminho» devemos neste caso ir confessar-nos «para retomar o caminho»; por fim, devemos pensar se somos «turistas teologais», como os que rodam na vida «mas que nunca dão um passo em frente».

«Peçamos ao Senhor a graça — foi a exortação do Papa Francisco — de retomar a estrada, de nos pormos a caminho rumo às promessas».

Aos numerosos feridos acolhidos no «grande hospital de campo, símbolo da Igreja» devemos aproximar-nos sem indolência espiritual nem formalismos. Foi o que o Papa Francisco recomendou na missa celebrada a **1 de Abril**.

«Na liturgia de hoje — explicou, ao comentar as leituras — a água é o símbolo: aquela água saudável, que cura». E referiu-se sobretudo ao trecho do Evangelho de João (5, 1-16): é «a história de um homem paralítico havia trinta e oito anos» que estava com muitos outros doentes perto da piscina de Jerusalém, esperando ser curado. E quando «viu aquele homem, Jesus perguntou-lhe: queres ficar são?». A sua resposta foi imediata: «Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina, quando a água começa a agitar-se; e, enquanto eu vou, desce outro antes de mim». De facto, havia a ideia — explicou o Pontífice — de que quando as águas se agitavam era o anjo do Senhor que vinha para curar». A reacção de Jesus é uma ordem: «Levanta-te, toma o teu catre e anda!». E o homem sarou.

O Papa comentou que, em particular, «encontro aqui» a imagem de «duas doenças graves, espirituais». A «primeira doença» é a que aflige o paralítico e que já «se tinha resignado» e talvez dissesse «a si mesmo “a vida é injusta, outros têm mais sorte do que eu!”». No seu modo de falar «há um adágio lamentoso: está resignado mas também amargurado». Uma atitude, frisou o Papa, que faz pensar também em «muitos católicos sem entusiasmo e amargurados» que repetem «a si mesmos: “vou à missa todos os domingos mas é melhor não me misturar! Tenho fé para a minha saúde, mas não sinto a necessidade de a oferecer a outro: cada um na própria casa, tranquilo”», inclusive porque se «na vida fazes algo depois te repreendem: é melhor não arriscar!».

O outro pecado que o Papa indicou hoje é «o formalismo» dos judeus. Repreendem o homem que Jesus curou porque carrega o seu catre ao sábado. De nada vale que ele está feliz, até quase «a dançar no meio da rua», pois está finalmente livre «da doença física e também da indolência e da tristeza». A réplica dos judeus é curta: «Aqui as coisas funcionam assim, deves fazer isto!». Só lhes «interessavam as formalidades: era sábado e não se podiam fazer milagres ao sábado! A graça de Deus não pode agir ao sábado!». É a mesma atitude daqueles «cristãos

hipócritas que não deixam espaço à graça de Deus». Porque para «estas pessoas a vida cristã é ter os documentos em regra, todos os atestados!». Agindo desta forma, contudo, «fecham a porta à graça de Deus».

Estas — afirmou o Pontífice — são «as duas palavras cristãs: “queres ficar são?” — “não voltes a pecar!”». Primeiro Jesus cura o doente e depois convida-o a «não voltar a pecar». É precisamente «esta a estrada cristã, o caminho do zelo apostólico». Sem dúvida, estas «duas palavras de Jesus — concluiu o Papa — são melhores do que a atitude da indolência e da hipocrisia».